

A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NACIONAL PORTUGUESA NO DRAMA *FREI LUÍS DE SOUSA*

*Eliana Rocha Vierno Zanforlin**

RESUMO

O texto analisa a relação entre memória e esquecimento no drama *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, o qual recupera algumas tradições literárias portuguesas que foram negligenciadas pela história. O autor também discute uma nova concepção da história fundada a partir da literatura para se criar uma verdadeira identidade nacional.

A literatura é filha da terra, como os titãs da fábula, e à sua terra se deve deitar para ganhar forças novas quando se sente exausta. (Almeida Garrett)

Este estudo pretende fazer algumas reflexões acerca do drama *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, um dos fundadores do romantismo português. Ao resgatar a figura de D. Manuel de Sousa Coutinho (mais tarde Frei Luís de Sousa, historiador e prosador português do século XVI), o autor não somente revigora o gênero dramático histórico em Portugal, como também se apropria do que chama de “fontes primeiras e genuínas” da história e da tradição literária portuguesa.

Ao recorrer às fontes históricas originais, (citadas nas notas de rodapé que acompanham o desenrolar do drama), inclusive àquelas não pertencentes ao cânone literário, Garrett transita entre o universo ficcional e o real e permite que as vozes emudecidas pela historiografia oficial despontem no texto. Num contexto histórico de grande instabilidade política, marcado ora por ameaças externas ora por revoltas internas, sujeito estético e pessoa empírica se cruzam no drama para (re)construção

* Universidade Federal de Minas Gerais (mestranda).

da memória nacional portuguesa.

Uma das primeiras manifestações da tradição que surge no início do drama e que perpassa toda a obra é o sebastianismo, um dos mitos fundadores das narrativas portuguesas. A derrota do rei D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir, em 1578, criou inúmeras lendas a respeito de seu desaparecimento, já que ninguém presenciara sua morte. Tal derrota deixou marcas profundas no imaginário coletivo da nação, pois ocorreu durante o apogeu da expansão marítima e comercial portuguesa pelos quatro cantos da terra. Numa das notas o autor afirma:

A incredulidade popular sobre a morte de el-rei D. Sebastião começou logo com as primeiras notícias que chegaram ao reino da derrota de Alcácer Quebir (...). O fato é que no público nunca se acreditou bem na morte de el-rei. E nenhum, de tantos que escaparam, nenhum disse nunca que o vira morrer...

(...) Menos bastava para dar côm e crença à multidão de fábulas romanescas e poéticas de que encheu logo Portugal e que duraram até os nossos dias. O sebastianismo é outro caráter popular que ainda não foi tratado e que, em hábeis mãos, deve dar riquíssimos quadros de costumes nacionais. O romancista e o poeta, o filólogo e o filósofo acharão muito que lavar neste fertilíssimo veio da grande mina de nossas crenças e superstições antigas. (Garrett, 1972, p. 72, nota 26)

Ao analisar a prosa garrettiana, Antônio José Saraiva mostra que um enredo simples é capaz de sustentar elementos “ímpares” que podem produzir efeitos dramáticos, pautados “na economia e propriedade dos recursos expressivos, na verossimilhança e força dos caracteres e no achado de uma essência trágica, isto é, de uma situação ‘catastrófica’ e portanto sem solução, (...)”. (Cf. Amora, 1972, p. 12)

No que se refere aos personagens, a figura do escudeiro reaparece revigorada em Telmo Pais, elemento chave no drama. Garrett o analisa como “o último vestígio do pouco que havia de patriarcal nos hábitos feudais”, visto que não seria um criado e sim “um companheiro, muitas vezes nem inferior em nobreza, e só dependente pela fortuna”. (Cf. Garrett, 1972, p. 61, nota 20)

Numa das falas de Telmo Pais, uma expressão popular “genuína”, tratada como “poesia verdadeira” por Garrett, reaparece, quando o mesmo questiona a morte de seu antigo patrão, D. João de Portugal, desaparecido com D. Sebastião em Alcácer Quibir. “Mas não se ia sem aparecer também ao seu aio velho” refere-se a uma frase muitas vezes utilizada por uma antiga criada e “cronista-mor” da família do autor, Rosa Lima, a aludidas histórias da aparição de seu falecido patrão na quinta do Sardão.

No enredo, o personagem de Telmo Pais representa a *força de resistência* de um passado que não se quer perdido e que causa horror a Dona Madalena de Vilhena, casada em segundas núpcias com D. Manuel de Sousa Coutinho. Ao negar o seu passado, a personagem torna-se prisioneira dele. A lembrança do primeiro marido permanece na memória de todos e também nos retratos que como espectros estão

espalhados na sua antiga residência, para a qual ela e a família são obrigados a se mudar devido a perseguições políticas a D. Manuel de Sousa Coutinho. Além disso, as palavras contidas na derradeira carta que lhe fora enviada por D. João de Portugal adquirem força ao serem repetidas por Telmo Pais: “Vivo ou morto, Madalena, hei de ver-vos pelo menos ainda uma vez neste mundo. – Não era assim que dizia?” (Garrett, 1972, p. 65)

As reminiscências se tornam mais dolorosas ao serem proferidas por Maria, sua filha com Manuel de Sousa Coutinho, quando faz referências à batalha de Alcácer Quibir:

*(...) e o senhor Telmo, aqui pôsto a conversar com a minha mãe, sem se importar de mim! Que é do romance que me prometeste? Não é o da batalha, não é o que diz:
Postos estão, frente a frente,
Os dois valorosos campos;
é o outro, é o da ilha encoberta onde está el-rei D. Sebastião, que não morreu e que há de vir um dia de névoa muito cerrada... Que ele não morreu; não é assim, minha mãe?*
(Garrett, 1972, p. 72)¹

Na trama, Telmo e Maria representam a memória, enquanto Madalena e Manuel de Sousa, o esquecimento. Há uma constante tensão entre estes dois elementos que propiciam a situação “catastrófica”, delineada a partir da chegada do Romeiro, a princípio um desconhecido, que aos poucos revela sua verdadeira identidade:

*Madalena
Sempre há parentes, amigos...
Romeiro
Parentes!... Os mais chegados, os que eu me importava achar... contaram com a minha morte, fizeram a sua felicidade com ela: hão de jurar que não me conhecem.
Madalena
Haverá tão má gente... e tão vil que tal faça? (Garrett, 1972. p. 114)
Telmo
Esta voz... esta voz! Romeiro, quem és tu?
Romeiro (tirando o chapéu e levando o cabelo dos olhos)
Ninguém, Telmo; ninguém, se nem já tu me conheces.
Telmo (deitando-se-lhe às mãos para lhas beijar)
Meu Amo, meu Senhor... sois vós? Sois, sois D. João de Portugal, oh, sois vós, Senhor?
(Garrett, 1972, p. 130)*

A revelação da verdadeira identidade do Romeiro – agora não mais uma lembrança e sim a presentificação de um passado que não se quer perdido – condena e destrói todas as perspectivas de uma felicidade futura para o casal. A seguinte pas-

¹ O romance ao qual Maria se refere encontra-se, segundo Garrett, nos *Apontamentos do Cavaleiro de Oliveira*. (Nota 27)

sagem ilustra bem esse momento:

Madalena (indo abraçar-se com a cruz)
Oh, Deus senhor meu! pois já, já? Nem mais um instante, meu Deus? Cruz do meu Redentor, ó cruz preciosa, refúgio de infelizes, ampara-me tu, que me abandonaram todos neste mundo, e já não posso com as minhas desgraças... e estou feita um espetáculo de dor e de espanto para o Céu e para a Terra! Tomai, Senhor, tomai tudo... A minha filha também?... Oh! a minha filha, a minha filha... também essa vos dou, meu Deus. E agora, que mais quereis de mim, Senhor? (Garrett, 1972, p. 139)

Almeida Garrett julgava possível instaurar o terror, a piedade e uma situação catastrófica, elementos característicos da tragédia clássica, sem recorrer a “paixões e caracteres violentos, um tirano que se mate ou mate alguém” e também “sem uma dança macabra de assassínios, de adultérios e de incestos”, dentre outros. (Garrett, 1972, p. 46)

Como o artesão que no tear urde, trama um tecido de vários matizes, Garrett recolhe pacientemente os fios de sua memória para compor seu texto, fios esses retirados de seu próprio passado e de toda uma tradição literária portuguesa e também ibérica. Reitera sua crença na união de dois povos através de suas literaturas “que tanto ganhariam em se entender e ajudar reciprocamente, como é a nossa e a castelhana, estejam hoje mais estranhas uma à outra do que, talvez nenhuma conhecida na Europa”. (Garrett, 1972, p. 49)

Num século caracterizado pelo desenvolvimento e crença nos ideais positivistas, tanto no âmbito das ciências sociais como no das ciências humanas, Garrett defendeu uma concepção peculiar de história ao considerar a literatura como expressão genuína do estado da sociedade, ambas influenciando-se mutuamente. A verdadeira história, segundo ele, não estaria somente nos fatos relevantes, nos nomes e datas celebrados pela historiografia oficial mas principalmente nas crenças e costumes dos povos que se fazem presentes na obra literária.

O embate entre memória e esquecimento que se processa nas histórias de Frei Luís de Sousa ultrapassa os limites do ficcional e tenta abranger toda uma tradição histórica e literária em vias de se perder. Garrett reafirma a sua crença numa “literatura renascente” a partir do drama, gênero que considera “a mais verdadeira expressão literária e artística da civilização do século”. (Garrett, 1972, p. 51)

Ao conceber a história pelo viés literário, afirmava que esta somente tornar-se-ia verdadeira ao “falar menos em batalhas, em datas de nascimentos, casamentos e mortes de príncipes, e mais na legislação, nos costumes e na literatura dos povos” (Garrett, 1972, p. 48, nota 9).² Pode-se deduzir que a história da dominação filipina

² Ao explicar a elaboração da obra, na memória lida no Conservatório Real de Lisboa no dia da estréia da peça, o autor sustenta que preferiu sacrificar-se “às musas de Homero, não às de Heródoto” e questiona “as leis da verdade poética, que certa mente não deve ser opressora, mas também não pode ser escrava da verdade histórica”. (Garrett, 1972, p. 50)

em Portugal estaria sendo recontada através dos personagens de **Frei Luís de Sousa**.³ O recolhimento de Frei Luís de Sousa e Sórora Madalena ao convento seria uma representação da situação histórica portuguesa frente à dominação espanhola.

Segundo Umberto Eco, quando um povo relega o seu passado histórico, muitos acontecimentos importantes para sua formação cultural são esquecidos, às vezes por serem dolorosos ou por não interessarem à história oficial. Assim, “a memória se acharia amputada, alienada” pois mesmo sendo cruel, deve ser respeitada. (Eco, 1999, p. 6)

A mais conhecida obra do teatro de Garrett percorre mais um século sem perder a sua atualidade e a sua força e revela a dialética delicada existente entre memória e esquecimento para a civilização humana. A sua abordagem torna-se oportuna em nossa época, na qual o homem foi capaz de produzir avançadas tecnologias, como o computador, sem, contudo, evitar um erro grosseiro no mesmo, que poderá ocasionar o famoso “bug do milênio”, quando todos os conhecimentos armazenados na rede mundial de computadores perder-se-iam na virada do ano 2000.

Retomando Umberto Eco, pode-se concluir que todas as estratégias de memorização utilizadas pelos homens, desde as lendas e feitos dos antepassados transmitidos pelo ancião aos membros da tribo, até a recente criação da informática com suas sofisticadas possibilidades de preservar a memória, são fundamentais para a sobrevivência das sociedades. Porém “cada civilização encontra sua identidade quando um grande poeta compõe seu mito fundador”. (Eco, 1999, p. 6)

ABSTRACT

This paper analyses the relationship between memory and forgetfulness in Almeida Garrett's drama **Frei Luís de Souza**, which restores some Portuguese literary traditions that had been neglected by history. A new conception of history founded on literature is also discussed by the author to create a real national identity.

Referências bibliográficas

- AMORA, Antônio Soares. Apresentação. In: GARRETT, Almeida. **Frei Luís de Sousa**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1972.
- ECO, Umberto. O bug da memória. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8. ago. 1999. Mais, p.6.
- GARRETT, Almeida. **Frei Luís de Sousa**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1972.
- SARAIVA, Antônio José, LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. Porto: Porto Editora. [19--]. p. 689-721: Almeida Garrett.

³ Em 1580 terminara a dinastia da Casa de Avis, que construiu o Império Português ultramarino. Felipe II da Espanha proclamou-se rei de Portugal e a união dos dois reinos durou até 1640.